

O sítio arqueológico de Corinto: nos caminhos de Paulo

The Archaeological Site of Corinth: In the Paths of Paul

José Ademar Kaefer¹

RESUMO

Corinto surgiu em torno da fonte Pirene e seu desenvolvimento se deve principalmente à sua localização geográfica. Com os dois portos, Concreia e Laqueu, interligados pelo *Díolkos*, Corinto construiu uma travessia por terra que ligasse o mar Egeu ao Golfo de Corinto. Com isso ela teve dois grandes períodos de desenvolvimento: o período clássico grego, quando se iniciaram a construção dos grandes monumentos, e o período romano, quando a cidade chegou ao auge do seu desenvolvimento. Este último foi o período em que Paulo morou na cidade e ali formou uma comunidade cristã. Paralelo à cidade baixa, desenvolveu-se também a Acrocorinto, cuja função principal era a de fortaleza militar.

PALAVRAS-CHAVE

Corinto; Fonte de Pirene; Templo de Apolo; Acrocorinto.

ABSTRACT

Corinth arose around the Pirene fountain and its development is mainly due to its geographical location. With the two ports, Concreia and Lachaeus, connected by the *Diolkos*, Corinth paved a trackway connecting the Aegean Sea with the Gulf of Corinth. It had two major periods of development: the classical Greek period, when the construction of the great monuments began, and the Roman period, when the city reached the height of its development. The latter was the period in which Paul lived in the city and formed a Christian community there. Parallel to the lower city, developed also the Acrocorinth, whose main function was that of a military fortress.

KEYWORDS

Corinth; Pyrene's Fountain; Temple of Apollo; Acrocorinth.

¹ Doutor em Sagradas Escrituras pela Westfälischen Wilhelms-Universität Münster, Alemanha, Estágio pós-doutoral no Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, Israel, Professor titular do PPGT PUCPR, Pesquisador FAPESP e Coordenador do grupo de pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente Próximo”.

Introdução

A narrativa do livro de Atos dos Apóstolos costuma não ser muito confiável, em se tratando dos fatos históricos ali narrados, principalmente por sua composição tardia e porque muitos dos acontecimentos ali descritos se encontram completamente ausentes nas cartas paulinas. Ainda assim, o livro de Atos serviu de roteiro para o nosso estudo *in situ* realizado na cidade de Corinto. A importância de Atos em nossa pesquisa não se deve tanto aos fatos que o livro narra, mas, sim, às referências à cultura material da época, objeto principal de nossa investigação. Entendemos que, com a ajuda da arqueologia, é possível manter através da cultura material um elo entre o ontem e o hoje. Nessa busca por uma possível aproximação entre arqueologia e texto bíblico recorreremos também ao método da leitura indiciária², que nos auxilia na atenção às informações periféricas que o texto permite.

Com a atenção prioritária voltada à cultura material, iremos apresentar inicialmente, de forma sucinta, um breve histórico da antiga cidade de Corinto. Em seguida se fará uma apresentação dos principais monumentos arqueológicos remanescentes da cidade baixa, com especial atenção aos períodos grego e romano. O passo seguinte será uma concisa abordagem histórica da Acrocorinto (Acrópole) e dos seus remanescentes arqueológicos. E, para encerrar, um olhar sobre o estrato social de Corinto nos dias de Paulo e sobre a primeira comunidade cristã que ali se formou.

Corinto: uma breve história

A escavação feita pela American School of Classical Studies at Athens (ASCSA), identificou a ocupação do sítio desde o período neolítico, passando pelo Bronze e Ferro I. Essa ocupação se percebeu principalmente ao redor da fonte de água, que mais tarde passou a ser considerada como sagrada. Porém, é a partir do final do Ferro II, início do período arcaico (700-480), que começam a surgir as grandes obras em Corinto. Os primeiros anos são marcados pelo reinado de Cipselo, que entrou para a história como grande tirano, e seu filho Periandro.

Corinto era privilegiada pela localização geográfica e importância de seus dois portos, que encurtavam enormemente o caminho para acessar o mar Adriático. Tanto que a mitologia coríntia atribui sua fundação a Sísifo, símbolo do espírito comercial.³ Os governantes pós Cipselo e Periandro fizeram uso deste fator para o desenvolvimento econômico de Corinto. É também nesse período que começa a despontar a cerâmica coríntia, que se difundiu muito por todas as ilhas gregas e entorno, até à Mesopotâmia.

Díolkos

Corinto é basicamente uma enorme ilha, unida ao continente europeu através de uma estreita faixa de terra de seis quilômetros de largura. Os barcos provenientes do mar Egeu com

² GINSBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINSBURG, Carlo (Ed.). *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³ DROSOU-PANAGHIÓTOU, N. *Grécia Antiga – os Monumentos com Reproduções*. Atenas: Papadimas Ekdotiki, 2013.

destino à Roma eram obrigados a fazer uma longa e perigosa jornada para contornar a grande “ilha” e alcançar o mar adriático, rumo à Roma. A solução encontrada foi a construção de um caminho através da estreita faixa de terra, chamado *Diolkos* (*Διολκος* – “transporte para o outro lado”). Ou seja, uma via por terra de 6 km construída com pedras de calcário e que atravessava a Ilha de leste a oeste unindo os dois portos, o de Concreia, no mar Egeu, no lado leste, e o de Laqueu, no Golfo de Corinto, que acessava o mar Adriático, no lado oeste. Os barcos chegavam ao porto de Concreia e de ali eram puxados por escravos através do *Diolkos* até o outro lado, e ali os barcos seguiam viagem através do golfo de Corinto, rumo à Roma. Contudo, dado ao peso do barco, na chegada ao primeiro porto, a carga era descarregada e conduzida à parte. Chegando do outro lado, o barco era novamente carregado e então seguia viagem. Enfim, todo esse empreendimento revela o intenso e contínuo movimento de idas e vindas de barcos comerciais que caracterizavam o cotidiano de Corinto. O *Diolkos* foi fundamental para o desenvolvimento econômico de Corinto.



Figura 1. Vista atual do *diolkos* de Corinto (Foto: autor).

A cerâmica encontrada nas escavações do *Diolkos* retrocede até o final do século VII AEC e início do século⁴, o que parece indicar que ele entrou em funcionamento naquele período.

⁴ PETTEGREW, David K. The Diolkos and the Emporion: How a Land Bridge Framed the Commercial Economy of Roman Corinth. In: FRIESEN, Steven J; JAMES, Sarah A.; SCHOWALTER, Daniel N. (Eds.). *Corinth in Contrast: Studies in Inequality*. Leiden/Boston: Brill, 2014, p. 126-142.

De ali em diante permaneceu em atividade até meados do século I AEC. Parece que o *Diolkos* entrou em desuso devido ao projeto do imperador Nero, por volta de 67 AEC, de cavar um canal que unisse os dois portos, substituindo o *Diolkos*. O canal, porém, não foi concluído, devido à morte repentina de Nero, e alcançou apenas uma distância de 700 metros. O projeto foi retomado tão-somente no século XIX da nossa era, sendo concluído em 1893. Porém, o canal nunca atingiu seu objetivo. Pelo fato de ser muito estreito, o canal não possibilita a passagem de navios de médio ou grande porte. Assim, ele ficou reduzido basicamente à atração turística.



Figura 2. Canal de corinto (Foto: autor).

É também nesse período, da era clássica, por volta de 530 AEC, que é construído em Corinto o grande templo de Apolo, Deus da luz, da adivinhação e da arte.⁵ Curiosamente, são as remanescências deste templo, com suas sete majestosas colunas, que ainda sobressaem atualmente no sítio arqueológico. É ao redor dele que vão surgindo ou sendo ampliados aos poucos os demais monumentos, como se verá abaixo: templos, o mercado, a ágora, as stoa norte e sul, o teatro, o santuário da fonte sagrada, junto à fonte Pirene (*Πειρήνη*), casas domésticas etc.

Não se sabe exatamente onde ficava a ágora grega. É provável que ocupasse o mesmo lugar do futuro fórum romano, como era comum nas outras cidades gregas conquistadas pelos

⁵ ELISAVET, Spathari. *Mitología griega*. Atenas: Papadimas Ekdotiki, 2018.

romanos. Porém, não há certeza, pois no final do IV século AEC, toda área foi completamente redesenhada, principalmente em função da construção da enorme Stoa sul.⁶

Assim como Atenas, Corinto também foi vítima das guerras persas de Dario I (522-486), quando o império persa atingiu o seu auge, expandindo seu império em direção à Grécia.⁷ Também como Atenas, Corinto tem um desenvolvimento progressivo durante o chamado período clássico (480-431) e, igualmente, é fortemente afetada pela guerra do Peloponeso (431-404). O enfraquecimento das cidades pela prolongada guerra do Peloponeso possibilitou o crescimento do poder do rei macedônio Filipe II. Corinto, juntamente com todas as cidades gregas do entorno, foi conquistada por Filipe II em 338 AEC, na famosa batalha de Queroneia. De aí em diante, Corinto perdeu sua independência, com muitas revoltas e guerras, principalmente após a morte de Alexandre Magno.

A Corinto do período romano

Em 196 AEC, Corinto foi conquistada pelos romanos. Em 146 AEC, após uma rebelião, o general romano Lúcio Mummius reconquistou a cidade, com um grande massacre. A população remanescente, que se resumia basicamente a mulheres e crianças, foi capturada e vendida como escrava. A outrora grande cidade ficou reduzida a uma singela aldeia. Passaria um século para que Corinto voltasse a ocupar o status de entidade política. Isso aconteceu em 44 AEC, quando o imperador Júlio César, vendo o papel estratégico da cidade, transformou-a em colônia romana, e, mais tarde, em 27 AEC, em capital da província de Acaia.⁸

A partir de 44 AEC, Corinto passa por uma nova configuração. Novos grandes edifícios surgem no centro, sempre em torno do grande templo de Apolo. O Fórum é ampliado, possivelmente ocupando o espaço da antiga ágora; um Odeion é construído no lado oeste, um pouco acima do teatro, que também é ampliado. Outros edifícios vão surgindo, como o denominado grande templo E, no extremo oeste, atrás do atual museu; a basílica Juliana, no extremo leste; e a basílica sul, na esquina sul etc. Além deles, vários outros templos são construídos em etapas sucessivas, que os arqueólogos identificaram por letras, chegando até a letra K, ou seja, um total de 11 templos. A maior parte deles construída no século I EC. O centro da cidade media em torno de 500 metros de comprimento por 500 de largura.

Em sua história, Corinto foi atingida por três grandes terremotos, que mataram milhares de pessoas e destruíram grande parte da cidade: em 375, 551, 856 e 1858. E sempre ela foi reconstruída. Entre 408 e 450, o imperador Theodosius II mandou construir um enorme muro de cerca de 10 km, chamado de *Hexamilion* (seis milhas), para proteger a cidade das invasões bárbaras, que vinham do norte. Em 1205-1208, a acrocorinto serviu de fortaleza para a defesa nas guerras dos cruzados. Em 1395 o império otomano conquistou a cidade, que foi novamente

⁶ SANDERS, Guy D. R. (et al). *Ancient Corinth: A guide to the site and museum*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 2018.

⁷ GONZÁLEZ, José P. *Grecia En el siglo IV A.C. Del imperialismo espartano a la muerte de Filipo de Macedonia*. Madrid: Editorial Síntesis, 1997, p. 33-37; EVERITT, Anthony. *The Rise of Athens: The Story of the World's Greatest Civilization*. New York: Random House, 2016, p. 217-218.

⁸ JAMES, Sarah A. The Last of the Corinthians? Society and Settlement from 146 to 44 bce. In: FRIESEN, Steven J; JAMES, Sarah A.; SCHOWALTER, Daniel N. (Eds.). *Corinth in Contrast: Studies in Inequality*. Leiden/Boston: Brill, 2014, p. 17-37.

reconquistada pelos bizantinos em 1403. Porém, algumas décadas depois, em 1458, os turcos otomanos outra vez tomaram a cidade, e foram eles que construíram a grande muralha que atualmente ainda cerca praticamente toda a acrocorinto.

Os principais monumentos remanescentes

O geógrafo e viajante grego, Pausânias (110-180), visitou a cidade de Corinto durante o segundo século da nossa era e a descreveu.⁹ Graças a essa descrição é possível ter uma ideia relativamente clara de como era a estrutura central da cidade do período clássico até o romano. Além dos edifícios, a descrição de Pausânias ajudou a identificar as duas importantes vias do período romano que cruzavam cidade: a via Laqueu (que conduzia do centro a Laqueu, no mar do oeste) e a via Concreia¹⁰ (que conduzia do centro à Concreia, no mar do leste). Ambas continham um portão de entrada na ágora, o propileu, e se cruzavam junto ao fórum. Uma, identificada como o *Cardo* (via do comércio), em sentido norte-sul (concreia-centro), e a outra, identificada como o *Decumano Máximo* (a via mais importante), em sentido oeste-leste (Laqueu-centro).¹¹

Localização dos edifícios (cf. figura 6)

É difícil identificar cada construção e a época exata em que foi construída. Por isso, vamos nos deter às mais importantes e possíveis de identificar. Os dados são genéricos, colhidos principalmente das informações que constam no sítio, dos guias e dos aportes de pesquisas prévias.

Quando estivemos no sítio para o estudo do local, logo na chegada, tive dificuldade em me orientar onde exatamente eu me encontrava e onde ficavam os monumentos. Não quero que passe o mesmo com você, caro leitor e cara leitora, caso visite um dia o sítio. É comum o visitante adentrar ao sítio a partir da pequena escadaria que acessa a via Laqueu. Ela será nosso ponto de orientação. Portanto, você estará parado sobre ela (sobre a escadaria), em direção norte-sul, e terá à sua frente a famosa via Laqueu (cf. figura 3). Ao fundo verá a grande montanha da Acrocorinto (acrópole de Corinto), onde no passado despontava o templo de Afrodite. É partir deste local, da escadaria defronte à via Laqueu, que iremos construir nosso mapa de orientação.

⁹ ELSNER, John. Pausanias: A greek pilgrim in the roman world. *Past & Present*, vol. 135, Issue 1, p. 3-29, 1992.

¹⁰ Talvez Paulo tenha vindo por ela, se ele veio de Atenas pelo mar.

¹¹ Informação contida em alemão na praça central da atual cidade antiga de Corinto.



Figura 3. Via Laqueu, com a escadaria de acesso (Foto: autor).

A Via Laqueu, que ligava o Fórum/Ágora ao golfo de Corinto, existia pelo menos desde o século V AEC, quando ela passou a ser cercada por uma grande muralha de ambos os lados até a cidade. Parado sobre a escadaria, em direção norte-sul, você terá, logo à sua esquerda, as Latrinas públicas. Um pouco mais adiante, também à esquerda da via, fazendo parte do conjunto, encontravam-se os banhos de Euricles. Estes foram assim identificados por Pausânias no século II EC:

Os coríntios têm banhos em vários pontos da cidade, alguns instalados pelo poder público e um pelo imperador Adriano. O mais famoso deles fica perto do Poseidon. Foi feito pelo espartano Euricles, que o embelezou com vários tipos de pedra, especialmente aquela extraída em Croceae, na Lacônia.^{12 13}

Do lado direito da escadaria e da Via Laqueu, você verá remanescentes do que era o Mercado antigo e, um pouco mais à direita ainda, as bases de uma Igreja bizantina, do século VII EC. A base da estrutura da nave, com a circunferência do abside da Igreja, ainda é bem visível. Seguindo, à direita, em direção oeste, logo após a Igreja bizantina, encontram-se os restos da Stoa norte. Moedas encontradas na Stoa, contendo as imagens de Filipe II e

¹² SANDERS, 2018, p. 114.

¹³ É importante lembrar que o principal objeto da descrição de Pausânias era arte.

Alexandre o Grande¹⁴, indicam que, provavelmente, ela foi construída por volta do final do século IV AEC. Sua estrutura era de dois andares. Em seu interior foram encontradas várias pedras para catapultas, o que parece indicar que nela havia um depósito desses projéteis.

Olhando para atrás da Stoa norte, em sentido norte, encontra-se uma grande praça arborizada, cortada por uma rua moderna. Ali se encontrava o Mercado norte. Olhando mais ainda em direção norte, no extremo da cidade, atrás do mercado norte, estão as poucas remanescências do outrora grande Teatro da cidade. O teatro passou por várias fases de construção. A mais antiga é do século V AEC. O que no início era um espaço para apresentação de peças musicais e teatrais, no período romano foi modificado para se converter numa arena das sangrentas lutas entre os gladiadores. A oeste do teatro foi encontrada uma inscrição em latim, com o seguinte dizer: *ERASTUS PRO AEDILITATE SUA PECUNIA STRAVIT*, que pode ser traduzida desta forma: “Pavimentada por Erasto com seu dinheiro em função de seu edilismo¹⁵”. Os guias gostam de contar aos turistas, de que este personagem é o mesmo Erasto, companheiro de Paulo (cf. Rm 16,23). Um pouco acima do teatro, em direção oeste, encontra-se o Odeion. Menor que o teatro, mas melhor conservado, o Odeion foi construído no século I EC para as apresentações, principalmente, de atividades artísticas, uma vez que o teatro passou a servir basicamente como arena para gladiadores. Um corredor interno ligava ambos os monumentos.

Virando novamente em direção sul, em frente à Igreja bizantina, encontra-se uma grande área aberta e em seu centro o Templo de Apolo. O majestoso e dominante templo dórico de Apolo, orgulho da cidade de Corinto, ainda subsiste. O culto a Apolo pode ter acabado, mas sua memória sobrevive ao tempo. No princípio eram quarenta e duas colunas¹⁶, quinze e quinze nas laterais, e seis e seis na frente e no fundo. Hoje só restam sete colunas. O templo de Apolo foi construído por volta de meados do século VI AEC, provavelmente sobre um santuário mais antigo, e reconstruído no período romano. Situado na parte elevada da cidade, despontando imponente, o acesso ao templo era feito através de uma enorme escadaria de pedra, no lado oeste, cujas remanescências ainda podem ser vistas atualmente.

¹⁴ SANDERS, 2018, p. 42.

¹⁵ Na antiga Roma, o Edil era o magistrado responsável pela inspeção de bens e serviços públicos.

¹⁶ Contado as colunas nas esquinas duas vezes.



Figura 4. Templo de Apolo (Foto: autor).

Seguindo-se em frente, um pouco à esquerda do templo de Apolo, encontra-se a Basilica da via Laqueu. Uma enorme basílica de 70 metros de comprimento por 25 de largura, construída no final século I AEC e ampliada em meados do século II EC. Continuando pela via Laqueu, para adentrar ao fórum, encontra-se o que era o Propileu, um enorme arco triunfal que conduzia majestosamente pela via principal que compunha o decumano da cidade. Construído no século I EC, com possível ampliação no século II, seus fundamentos ainda são bem visíveis.

À direita do propileu, paralelo ao templo de Apolo, encontra-se a grande Stoa noroeste. Ela foi construída durante o reinado do imperador César Augusto (27 AEC-14 EC), sobre uma antiga e pequena Stoa helenista. Tinha 100 metros de comprimento, com 47 colunas externas e 20 internas. Como parte da Stoa, do lado sul, já de frente para o fórum, encontravam-se várias lojas, também do século I EC. No extremo oeste da Stoa noroeste e das lojas, encontram-se os remanescentes do Templo C, um templo romano que não se sabe a que divindade era dedicado.

Voltando novamente para a nossa referência na via Laqueu, à esquerda do propileu, depois do Pátio de Apolo, está a Fonte Pirene (Πειρήνη). Foi em torno desta fonte que surgiu Corinto. Acredita-se que seu nome se deva ao mito da filha do rio Aqueloo, que se chamava Pirene. Segundo o mito, o filho de Pirene, Cécron, fora morto pela deusa Ártemis. A mãe, então, teria se transformando em uma fonte para chorar eternamente a morte do filho. Dada a sua importância e beleza, a arquitetura do entorno da fonte passou por muitas e inovadas modificações, constantes decorações e novas esculturas.

Um pouco à direita da fonte Pirene, em conexão com ela, encontrava-se o Templo da fonte sagrada. Os remanescentes mais antigos deste templo, que não se sabe exatamente dedicado a que divindade, remontam até o século VI AEC. Sua arquitetura era bastante complexa, com degraus que conduziam a uma sala subterrânea da fonte. Na parte superior havia uma área aberta, com altares para cerimônias sagradas.

Do templo da fonte sagrada, virando à direita, em sentido oeste, cruzando toda a praça do fórum, encontrava-se a Igreja de São João. Ela foi construída no século XII EC e fazia parte de todo um complexo monástico que havia ali. Infelizmente, em 1938 a igreja teve que ser removida para se poder escavar toda área do fórum romano. Seguindo-se à direita, em sentido sudeste, atrás do museu moderno, encontra-se o Templo E, dedicado a Octávia, irmã de Augusto e esposa de Marco Antônio. Construído durante o domínio romano, no primeiro século da nossa era, o enorme templo E era similar ao de Apolo, com quem assentava, um de um lado do fórum e o outro do lado oposto. O museu moderno, construído entre ambos, obstaculiza este panorama imaginário.¹⁷ O primeiro templo, de estilo dórico, construído no início do século I, foi restaurado e modificado no final do mesmo século, e seu estilo foi modificado para o estilo coríntio. Deste último, ainda restam três solitárias colunas no local.



Figura 5. Templo romano E, dedicado à Octávia (Foto: autor).

¹⁷ SANDERS, 2018, p. 30.

Voltando à nossa rota da via Laqueu, à esquerda da fonte Pirene, na lateral leste do sítio, encontrava-se a Basílica juliana. Ela foi assim chamada porque foram encontradas ali estátuas de Júlio Cesar, Caio, Lúcio e Nero. Portanto, devia ser um centro administrativo do governo da cidade e talvez também de culto ao imperador. Logo em seguida, à direita da basílica juliana, encontrava-se o que era a Bema (tribunal). Construído em meados do século I EC, a Bema era um local para cerimônias públicas dirigidas pelo procônsul aos cidadãos de Corinto. Acredita-se que Paulo tenha sido julgado aqui pelo procônsul da Acaia, Gallio, conforme relata o livro de Atos, 18,12-17 (cf. 1Cor 6,1-11). Mais tarde, uma Igreja bizantina foi construída neste local. Como parte da Bema, havia um conjunto de lojas, que somavam ao todo 29 lojas, divididas pela Bema, 15 do lado oeste e 14 do lado leste. O conjunto cobria toda a extensão de leste a oeste da grande Stoa sul, que ficava do outro lado do Pórtico sul. Mais tarde, por volta do século V EC, as lojas foram demolidas e em seu lugar foi construída uma enorme escadaria para facilitar o acesso da parte baixa à parte alta do fórum.

À direita da Bema e das lojas, em sentido oeste, encontram-se os remanescentes de um Conjunto de templos. São vários pequenos templos classificados pelos arqueólogos pelas letras F G H J K. Datados entre os séculos I e II EC, todos esses templos foram construídos sobre uma base elevada. Não se sabe exatamente a que divindades eram dedicados. Um pouco à direita do conjunto de templos, sempre em direção leste-oeste, encontra-se a Área francesa. A área é na verdade um grande espaço aberto do que ainda resta da ocupação francesa, sob o comando de William de Champlitte e Geoffrey de Villehardouin, durante a guerra dos cruzados.

No extremo sul do sítio, depois do Pórtico sul, encontra-se a Stoa sul. Construída no final do século IV e início do século III AEC, a Stoa sul é conhecida como sendo a maior de sua época, com 165 metros de comprimento por 25 de largura. A parte frontal tinha 71 colunas de estilo dórico e o interior 34 de estilo iônico. A base de muitas colunas ainda pode ser vista atualmente no local. Além de diversas salas, para diversos fins comerciais, a Stoa tinha uma casa de banho, com *caldarium*, *frigidarium*, latrinas etc. No centro havia uma estrutura em forma de elipse, que foi identificada como sendo a casa do conselho da cidade (*bouleuterion*). A figura elíptica ainda pode ser bem identificada no sítio. E, por fim, logo atrás da Stoa sul, no extremo leste, encontra-se a Basílica sul. Construída a meados do primeiro século EC, a basílica foi destruída pelo terremoto no final do século IV EC, e reconstruída logo em seguida.



Figura 6. Corinto, com a identificação dos principais monumentos.

A Acrocorinto (Acrópole)

A parte da cidade vista acima representa somente o centro da antiga Corinto, que se desenvolveu em torno da fonte Pirene, do templo de Apolo e da Ágora/Fórum. Porém, a cidade de Corinto era muito maior, e se expandia ao redor do centro, principalmente na direção oeste e sul, até a encosta da montanha, onde se encontrava a Acrocorinto (*Ἀκροκόρινθος* – Alta Corinto). Em boa parte, a área que se estende do centro até a encosta, também foi escavada.



Figura 7. Parte da cidade antiga, com a montanha da Acrocorinto ao fundo (Foto: autor).

A geopolítica religiosa de Corinto era bastante similar às das outras cidades gregas, como Filipos e Atenas, que também eram organizadas em dois planos, a cidade baixa e a cidade alta, a acrópole. Se na acrópole de Atenas despontava imponente a imagem e o templo de Atena Nike, na Acrocorinto despontava o templo de Afrodite, a Deusa do amor.¹⁸

¹⁸ BOOKIDIS, Nancy. Religion in Corinth: 146 B.C.E. to 100 C.E. In: SCHOWALTERS, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. (Eds.). *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approaches* (Harvard Theological Studies, 53). Cambridge: Harvard Theological Studies, 2005, p. 141-164.

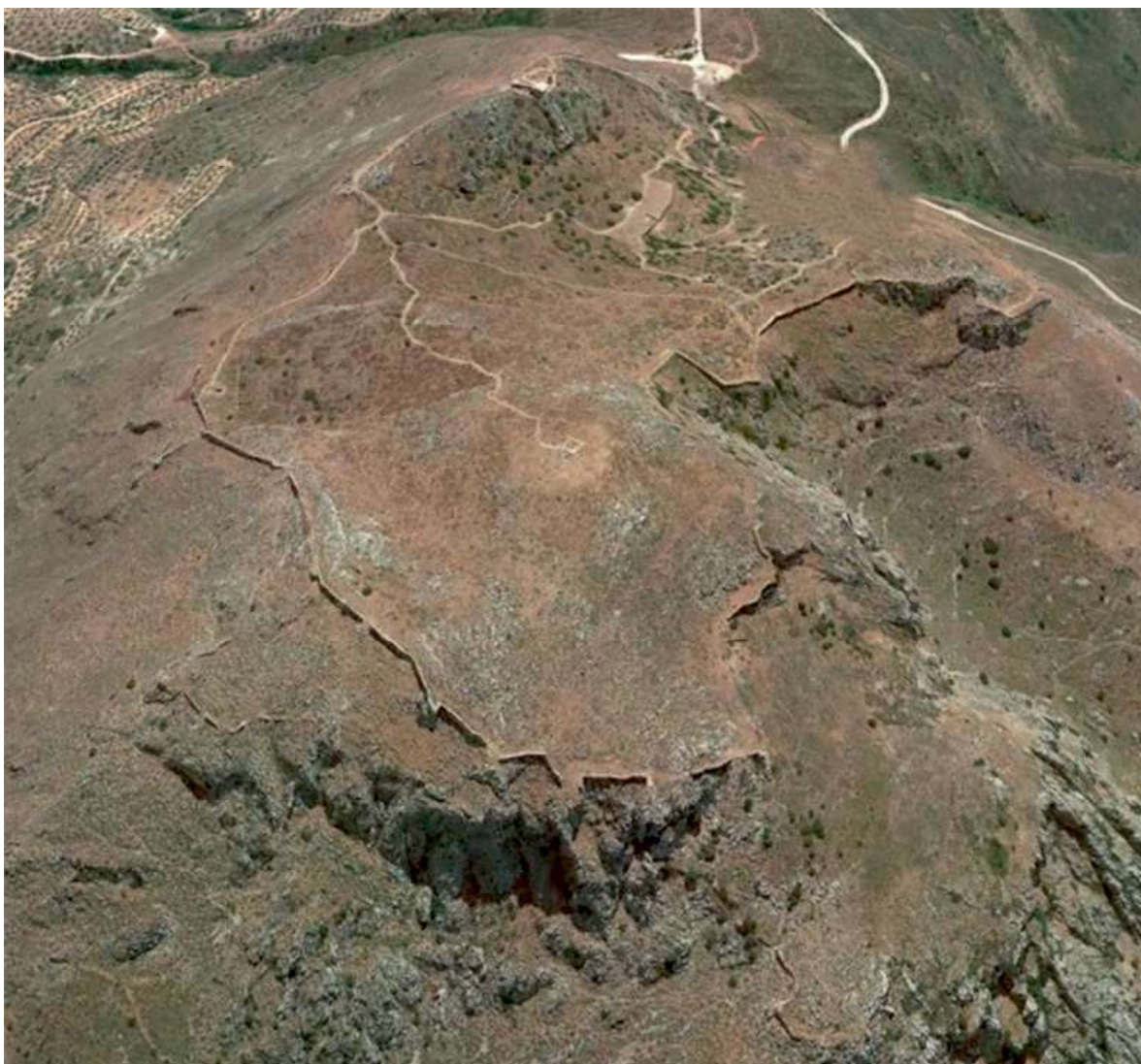


Figura 8. A Acrocorinto, com a muralha em todo o entorno (Fonte: Google Earth).

A montanha da Acrocorinto fica a 575 metros acima do nível do mar e tem sua peculiaridade na posição estratégica para a defesa e controle da região. Por isso, sua particularidade se encontra na impressionante muralha que cercava, e boa parte ainda cerca, todo topo da montanha (cf. Figura 9). De maneira que ela pode ser considerada a acrópole melhor fortificada de toda a Grécia antiga. E esta tem sido sua principal função na história das inúmeras conquistas e reconquistas que ela sofreu, a de fortaleza militar. A muralha atual, com algumas reparações modernas, é, em grande parte, do período bizantino e otomano.



Figura 9. Muralha da Acrocorinto (Fonte: Google Earth).

Atualmente o acesso é feito pelo lado sudoeste, ou seja, do lado oposto da antiga cidade baixa. Antes havia uma entrada pelo lado oeste, bem mais próximo da cidade baixa, cujo portão ainda pode ser visto na atual muralha. É possível que nos primórdios, a cidade alta também fosse acessível pelo lado norte da montanha. Porém, com o tempo, a erosão provocada por chuvas e outras intempéries deve ter impossibilitado o acesso por este lado.

A longa história de reconstruções e importância da muralha pode ser vista nos seus três portões sucessivos que atualmente ainda existem para acessar a cidade alta. O primeiro, o portão externo, é otomano; o segundo, o portão do meio, é veneziano; e o terceiro, portão interno, é em parte do século IV AEC.



Figura 10. Portão externo da Acrocorinto.

Ainda visível o formato do portão anterior, que era maior que o atual (Fonte: Google Earth).

Além dos três portões e da impressionante muralha, ainda podem ser vistos, entre restos de construções de casas domésticas, principalmente logo após a entrada dos portões, na parte sudeste do sítio, os seguintes monumentos: duas mesquitas; duas igrejas cristãs, uma veneza e outra de São Demétrio; a enorme torre francesa no lado sudeste; o portão, no lado noroeste; a fonte Pirene alta, no lado leste; e, finalmente, o templo de Afrodite, onde mais tarde foi construído uma basílica. O templo foi construído entre IV ou V século AEC e não era grande, cerca de 10x16 metros.^{19 20} O local do templo/basílica fica praticamente no centro da acrópole e pode ser visto no mapa, onde termina a trilha feita pelos turistas (cf. figura 8).

O estrato social de Corinto no tempo de Paulo

Corinto era diferente de Atenas. Enquanto que esta última se estimava pela cultura grega, Corinto era mais romanizada.²¹ Como capital da província romana de Acaia e com o status de colônia romana, em Corinto se percebia mais fortemente as duas classes sociais: cidadãos

¹⁹ MEINARDUS, Otto. F. A. *St. Paul in Greece*. Athens: Lycabettus Press, 1973, p. 64.

²⁰ Pela estrutura, é impossível que ali vivessem mais de mil sacerdotisas dedicadas à Deusa, conforme afirma o geógrafo e historiador grego do primeiro século EC, Estrabão,

²¹ MILLIS, Benjamin W. *The Local Magistrates and Elite of Roman Corinth*. In: FRIESEN, Steven J; JAMES, Sarah A.; SCHOWALTER, Daniel N. (Eds.). *Corinth in Contrast: Studies in Inequality*. Leiden/Boston: Brill, 2014, p. 38-53.

romanos, com alto número de veteranos militares, por um lado, e do outro uma multidão de escravos.²²

Quando Paulo viveu em Corinto, a cidade estava no auge do seu desenvolvimento. Estimase que ela devia ter em torno de 250 mil habitantes. Não se sabe exatamente o número de escravos em Corinto. Sabe-se que grandes cidades, como Roma e Alexandria, pelo menos a metade da população era escrava. Portanto, Corinto devia ter entre cem a cento e cinquenta mil escravos. Todo o império romano estava construído sobre a base do trabalho escravo, literalmente sobre as costas de escravos e escravas. E esses escravos eram pessoas, tinham rosto, nome e uma história. Eram crianças, jovens, mulheres, homens, idosos e idosas.

O comércio de escravos era um grande negócio, em muitos lugares, o mais rentável. Em boa parte, as guerras tinham a finalidade comercial da escravidão (cf. Mac 3,41; 2Mac 8,10-11.25). Os prisioneiros de guerra eram vendidos como excelentes escravos. Por ser colônia romana e uma grande cidade portuária, Corinto mantinha permanentemente um mercado de compra e venda de escravos. É verdade que havia vários níveis de escravos, desde professores letrados até trabalhadores em minas ou remadores de barcos. Inclusive, muitos se vendiam como escravos para ter o que comer. A escravidão era vista como parte normal de todo sistema político administrativo da sociedade greco-romana.²³ O escravo não tinha direitos, ele/ela era propriedade do seu dono, que podia fazer o que bem entendesse. Uma vida “razoável” para o escravo dependia muito do seu dono. É verdade que, em muitos casos, o trato tinha retorno benéfico para o proprietário, principalmente para os escravos mais próximos.

Tudo indica que a mensagem de Paulo e seus companheiros, assim como a Boa Nova de todo Evangelho, foi mais receptiva pelas categorias sociais mais baixas da sociedade, ou seja, pela população escrava. É o caso da comunidade cristã de Corinto.

A comunidade cristã de Corinto

Como visto acima, segundo livro de Atos dos Apóstolos, após o insucesso em Atenas, Paulo deixou a cidade e foi para Corinto (At 18,1) e ali teria permanecido por dezoito meses (At 18,11), um período bastante longo, se comparado ao tempo que permaneceu nas cidades precedentes. Com isso, o autor de Atos parece querer mostrar a importância que Corinto teve para o trabalho missionário de Paulo e seus companheiros e companheiras.

É muito curioso o processo pelo qual Paulo passa, conforme dá a entender o relato do autor de Atos. Em Atenas Paulo queria ser filósofo (At 18,18-33), mas não teve sucesso. Saindo dali, vai à Corinto, onde vai trabalhar como fabricante de tendas, junto com um casal de judeus, Priscila e Áquila, recém chegados da Itália, de onde teriam sido expulsos pelo decreto do imperador Cláudio.²⁴ Pela narrativa, Paulo parece passar aqui por um processo de conversão. Se atentarmos

²² SANDERS, Guy D. R. Landlords and Tenants: Sharecroppers and Subsistence Farming in Corinthian Historical Context. In: FRIESEN, Steven J; JAMES, Sarah A.; SCHOWALTER, Daniel N. (Eds.). *Corinth in Contrast: Studies in Inequality*. Leiden/Boston: Brill, 2014, p. 103-125; CARVALHO, Heloisa de; NAKANOSE, Shigeyuke. *O amor jamais passará! Entendendo a primeira carta aos coríntios*. Centro Bíblico Verbo. São Paulo: Paulus, 2008.

²³ WITHERINGTON III, Ben. *A Week in the Life of Corinth*. Madison: InterVarsity Press, 2012. p. 9-11.

²⁴ Há dúvida se este seria o mesmo decreto do imperador Tibério (14-37 EC), ou um novo, ordenado pelo imperador Cláudio, entre o ano 49-50 (MEINARDUS, 1973, p. 66).

à primeira carta que Paulo escreve à comunidade de Corinto, acontece ali uma crítica muito forte e longa à sabedoria, indiretamente aos filósofos, que não lhe fizeram caso em Atenas (cf. 1Cor 1,17-2,9). Ou seja, parece que o fato de se juntar aos trabalhadores/as artesãos/sãs e trabalhar como eles e elas é que abre as portas para o sucesso de Paulo em Corinto. É possível que o próprio casal, que, talvez já fosse cristão desde a Itália, tenha aberto os olhos a Paulo para isso. Este particular parece ter possibilitado a que nesta cidade se formasse uma das mais importantes comunidades do cristianismo primitivo da Europa.

Conclusão

Corinto, apesar de apresentar sinais de ocupação muito antigas, principalmente em torno da fonte Pirene, é a partir do século VIII AEC que começam a surgir nela as primeiras grandes obras. O seu principal fator de desenvolvimento é sua localização geográfica, com seus dois portos, Concreia, no mar Egeu, e Laqueu, no Golfo de Corinto. Para encurtar o caminho marítimo, ambos os portos foram interligados pelo *Diolkos*, uma estreita via por terra de 6 km construída com pedras de calcário e que atravessava Corinto de leste a oeste.

Em 196 AEC a cidade foi conquistada pelos romanos, mas é somente a partir de 44 AEC que ela cria importância para o império, que a eleva ao status de colônia romana e, mais tarde, em capital da província de Acaia. É então, com a presença de um alto número de veteranos militares, que Corinto é transformada em uma pequena Roma.

As grandes construções em Corinto já haviam começado no período clássico, como o templo de Apolo, o templo da fonte sagrada, a ágora, o teatro, a stoa norte e a stoa sul. Porém, o maior crescimento viria com o investimento romano, quando muitas obras são ampliadas e outras novas surgem, como o Odeion, a basílica da via Laqueu, o Propileu, a stoa noroeste, o templo E, a basílica juliana, a bema (tribunal) e a basílica sul.

Paralelo à cidade baixa, também se desenvolveu a Acrocorinto. Porém, ainda que em seu centro despontasse o majestoso templo de Afrodite, a função da Acrocorinto foi muito mais de fortaleza militar. A 575 metros acima do nível do mar, a Acrocorinto é considerada a acrópole melhor fortificada de toda a Grécia antiga. Basta ver a impressionante muralha, em boa parte do período bizantino e otomano, que atualmente ainda cerca quase todo o topo da montanha.

Quando Paulo chegou à Corinto, a cidade estava no auge do seu desenvolvimento. E, conforme o livro de Atos dos Apóstolos, morou ali por dezoito meses, mantendo-se como fabricante de tendas, junto com um casal de judeus, Priscila e Áquila. Parece que esta atitude necessária para o seu sustento, facilitou a interação com a população mais pobre de Corinto, em sua maioria escravos e escravas. Eles e elas lhe ajudaram a construir uma das comunidades mais autênticas do cristianismo primitivo.

Referências

BOOKIDIS, Nancy. Religion in Corinth: 146 B.C.E. to 100 C.E. In: SCHOWALTERS, Daniel N.; FRIESEN, Steven J. (Eds.). *Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approaches* (Harvard Theological Studies, 53). Cambridge: Harvard Theological Studies, 2005, p. 141-164.

- CARVALHO, Heloisa de; NAKANOSE, Shigeyuke. *O amor jamais passará! Entendendo a primeira carta aos coríntios*. Centro Bíblico Verbo. São Paulo: Paulus, 2008.
- DROSOU-PANAGHIÓTOU, N. *Grécia Antiga – os Monumentos com Reproduções*. Atenas: Papadimas Ekdotiki, 2013.
- ELISAVET, Spathari. *Mitología griega*. Atenas: Papadimas Ekdotiki, 2018.
- EVERITT, Anthony. *The Rise of Athens: The Story of the World's Greatest Civilization*. New York: Random House, 2016.
- ELSNER, John. *Pausanias: A greek pilgrim in the roman world*. *Past & Present*, vol. 135, Issue 1, p. 3-29, May 1992.
- GINSBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINSBURG, Carlo (Ed.). *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GONZÁLEZ, José P. *Grecia En el siglo IV A.C. Del imperialismo espartano a la muerte de Filipo de Macedonia*. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.
- JAMES, Sarah A. *The Last of the Corinthians? Society and Settlement from 146 to 44 bce*. In: FRIESEN, Steven J; JAMES, Sarah A.; SCHOWALTER, Daniel N. (Eds.). *Corinth in Contrast: Studies in Inequality*. Leiden/Boston: Brill, 2014, p. 17-37.
- MEINARDUS, Otto. *F. A. St. Paul in Greece*. Athens: Lycabettus Press, 1973.
- MILLIS, Benjamin W. *The Local Magistrates and Elite of Roman Corinth*. In: FRIESEN, Steven J; JAMES, Sarah A.; SCHOWALTER, Daniel N. (Eds.). *Corinth in Contrast: Studies in Inequality*. Leiden/Boston: Brill, 2014, p. 38-53.
- PETTEGREW, David K. *The Diolkos and the Emporion: How a Land Bridge Framed the Commercial Economy of Roman Corinth*. In: FRIESEN, Steven J; JAMES, Sarah A.; SCHOWALTER, Daniel N. (Eds.). *Corinth in Contrast: Studies in Inequality*. Leiden/Boston: Brill, 2014, p. 126-142.
- SANDERS, Guy D. R. (et al). *Ancient Corinth: A guide to the site and museum*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 2018.
- SANDERS, Guy D. R. *Landlords and Tenants: Sharecroppers and Subsistence Farming in Corinthian Historical Context*. In: FRIESEN, Steven J; JAMES, Sarah A.; SCHOWALTER, Daniel N. (Eds.). *Corinth in Contrast: Studies in Inequality*. Leiden/Boston: Brill, 2014, p. 103-125.
- WITHERINGTON III, Ben. *A Week in the Life of Corinth*. Madison: InterVarsity Press, 2012.

Submetido em: 23/01/2024

Aprovado em: 25/11/2024